

OS DIÁRIOS

**AUDRE
LORDE**

**DO
CANCRO**

**ORFEU
NEGRO**

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA BENEFICIOU DE UMA PARCERIA
COM HANGAR — CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



TÍTULO ORIGINAL

The Cancer Journals

AUTORA

Audre Lorde

TRADUÇÃO

Gisela Casimiro

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 1980 Audre Lorde

© 2025 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Julho 2025

DL 550440/25

ISBN 978-989-9225-28-2

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

Introdução	7
I. A TRANSFORMAÇÃO DO SILÊNCIO EM LINGUAGEM E ACÇÃO	25
II. CANCRO DA MAMA: A EXPERIÊNCIA DE UMA NEGRA LÉSBICA FEMINISTA	39
III. CANCRO DA MAMA: PODER VS. PRÓTESE	95
Agradecimentos	139

INTRODUÇÃO

1

Cada mulher reage à crise que o cancro da mama lhe traz à vida com base num padrão, que é o esboço de quem ela é e de como tem vivido a sua vida. O fio quotidiano da sua existência é o terreno onde lida com a crise. Algumas mulheres escondem os seus sentimentos dolorosos sobre a mastectomia num manto de normalidade, mantendo-os assim encobertos para sempre, mas expressos noutra lugar. Para algumas mulheres, num corajoso esforço para não serem vistas como meras vítimas, isso implica uma insistência de que tais sentimentos não existem e que não aconteceu nada de especial. Para outras mulheres, significa a análise cuidadosa que a guerreira faz de mais uma arma, indesejada, porém útil.

Sou uma mulher pós-mastectomia que acredita que os nossos sentimentos precisam de ser verbalizados para serem reconhecidos, respeitados e utilizados.

AUDRE LORDE

Não pretendo que a minha raiva, dor e medo quanto ao cancro da mama se fossilizem em mais um silêncio, nem me privem da força que possa radicar nesta experiência, abertamente reconhecida e examinada. Para outras mulheres de todas as idades, cores e identidades sexuais, que reconhecem que o silêncio imposto em qualquer área das nossas vidas é um instrumento para a separação e a impotência, e para mim mesma, tentei verbalizar algumas das minhas emoções e pensamentos sobre a farsa das próteses, a dor da amputação, o papel do cancro numa economia do lucro, o meu confronto com a mortalidade, a força da compaixão das mulheres, e o poder e as recompensas de uma vida autoconsciente.

O cancro da mama e a mastectomia não são experiências únicas, e sim partilhadas por milhares de mulheres americanas. Cada uma destas mulheres tem uma voz particular a fazer ouvir no que deve tornar-se um protesto feminino contra todos os cancros que se podem prevenir, bem como contra os medos secretos que permitem que esses cancros floresçam. Que estas palavras possam encorajar outras mulheres a falarem e agirem partindo das nossas experiências com o cancro e outras ameaças de morte, pois

OS DIÁRIOS DO CANCRO

o silêncio nunca nos trouxe nada de digno. Acima de tudo, que estas palavras possam sublinhar as possibilidades de autocura e a excelência de viver para todas as mulheres.

Existe uma afinidade de isolamento e de dolorosa reavaliação partilhada por todas as mulheres com cancro da mama, reconheçam elas ou não esta afinidade. Não é minha intenção julgar a mulher que escolheu o caminho da prótese, do silêncio e da invisibilidade, a mulher que quer ser «a mesma de antes». Ela sobreviveu graças a outro tipo de coragem, e não está sozinha. Cada uma de nós luta diariamente com as pressões da conformidade e a solidão da diferença a que essas escolhas parecem oferecer uma fuga. Só sei que essas escolhas não resultam comigo, nem com outras mulheres que, não sem medo, sobreviveram ao cancro indagando o seu significado nas nossas vidas, e tentando integrar esta crise em forças que sejam úteis na mudança.